

A construção das éticas de tradução de textos literários a partir da experiência: a interação entre academia e a sociedade

Maria Clara Castellões de Oliveira

Recebido em 05/06/2011 – Aprovado em 01/09/2011

Resumo

Este trabalho aborda a necessária interação entre a academia e a mídia, o mercado editorial em geral, tradutores sem formação específica na área e leitores não-profissionais. O seu objetivo é contribuir para a ampliação da consciência não apenas da existência de duas éticas da tradução de textos literários – a da diferença e a da igualdade, nos termos de Antoine Berman e de Lawrence Venuti – como também das consequências do privilégio de qualquer uma delas sobre a outra. Será estabelecido um diálogo com trabalho apresentado por Christina Schäffner, no 6º. Congresso da Sociedade Europeia dos Estudos da Tradução, ocorrido em setembro de 2010, em Leuven, na Bélgica, no qual foi discutida a percepção que se tem da tradução por parte da mídia anglo-saxônica, e com textos de intelectuais para quem, tal como preconizou Aristóteles, a construção de posturas éticas se pauta na experiência. A fim de corroborar e de ilustrar as posturas defendidas, serão apresentadas estratégias de ensino adotadas pela autora do trabalho em disciplinas que leciona no Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês da UFJF e conclusões de monografias produzidas por alunos do referido curso.

Palavras-chave: *tradução; ética; experiência; academia; sociedade.*

Em resumo e a propósito

Em “Questões éticas e políticas em torno da tradução literária”, artigo que publiquei em 2009, no número 7 de *Tradução em Revista*, afirmei que, apesar do papel desempenhado por pessoas e organismos que atuam a partir da academia e fora dela e dos avanços ocorridos no âmbito dos Estudos da Tradução, preponderantemente a partir da década de 1990, “os leitores não-profissionais e os demais consumidores de textos traduzidos continuam sem ter ideia de um dos principais escândalos da tradução [...], qual seja, o de que essa atividade e, por analogia, o seu realizador – o tradutor – atuam como importantes formadores de identidades culturais” (OLIVEIRA, 2009, p. 1), como já enfatizara Lawrence Venuti em *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference* (1998), publicado no Brasil com o título de *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença* (2002).¹

Preocupação semelhante à minha demonstrou Christina Schäffner, professora e pesquisadora da Universidade de Aston, em Birmingham (Reino Unido), em comunicação apresentada no 6º. Congresso da Sociedade Europeia dos Estudos da Tradução (European Society for Translation Studies), ocorrido em setembro de 2010 na Universidade Católica de Leuven (Katholieke Universiteit Leuven), na Bélgica. Nessa comunicação, intitulada “Tradução em seu ambiente social – visibilidade e percepção” (“Translation in its social environment – visibility and awareness”), Schäffner disse que, a despeito do crescimento não apenas da disciplina Estudos da Tradução em todo o mundo; do aumento dos números de tradutores, pesquisadores de tradução, cursos de formação de tradutores, publicações e eventos na área, e do volume de material traduzido e a traduzir, “a percepção do público a respeito do papel do tradutor na e em prol da sociedade ainda deixa muito a desejar” (2010, p. 120, minha tradução).

Na opinião de Schäffner, essa percepção, que varia de local para local e de um grupo profissional para outro e é dependente do nível de competência linguística das pessoas, é “motivada em larga escala pela cobertura da tradução fornecida pela mídia” (2010, p. 120, minha tradução).² Um levantamento realizado em parte da mídia impressa e *online* britânica acerca do número de vezes em que a palavra tradução foi citada conduziu a pesquisadora a conclusões de que o público em geral e a mídia, entre outras coisas, não fazem distinção entre tradução e interpretação e esperam que as traduções sejam transparentes e corretas. A seu ver, para que o impacto dos avanços ocorridos no âmbito dos Estudos da Tradução possa se refletir sobre a conscientização do público leigo a respeito de questões vinculadas a essa disciplina e à forma como a atividade tradutória vem sendo realizada, é

¹ Texto em inglês: “[...] the public awareness of the role of translation in and for society still leaves a lot to be desired.”

² Texto em inglês: “[...] to a large extent motivated by media coverage of translation.”

necessário que os estudiosos localizados na academia estabeleçam um diálogo maior com a audiência extra-acadêmica.

Em meu artigo, defendi postura próxima à de Schäffner, conclamando os profissionais que atuam na academia e os que exercem suas atividades fora dela, os quais chamei respectivamente de diplomados e descolados,³ a se unirem no sentido não só de criarem estratégias que imprimam maior visibilidade à tradução e à classe dos tradutores, como também, sobretudo, de sensibilizarem a sociedade em geral para as questões éticas que envolvem a tradução. Nesse aspecto, lembrei a patronagem colocada em prática pelo Conselho Federal de Enfermagem, que, ao perceber a quase que total ausência de personagens enfermeiros na literatura brasileira, encomendou a renomados escritores a produção de romances cujos protagonistas exerciam a referida profissão.⁴ Sugeri, também, que fossem feitas gestões junto a livrarias e bibliotecas virtuais para a inclusão dos nomes dos tradutores das obras possuídas para fins de comercialização e consulta, o que, entre outras coisas, chamaria a atenção para o processo de mediação realizado por esse profissional, facilitaria o acesso de leitores a obras traduzidas por alguém de sua escolha e tornaria mais ágil e menos exaustiva a pesquisa acadêmica realizada em torno da atuação de um determinado profissional em áreas, editoras e momentos específicos. No que concerne mais proximamente à atuação dos que se dedicam ao treinamento de tradutores, enfatizei a necessidade de discussões sistemáticas, “no contexto da sala de aula, das relações de poder que envolvem a atividade tradutória e das possíveis atitudes dos tradutores em formação quando defrontados com questões relacionadas às assimetrias culturais existentes entre as línguas com as quais trabalham” (OLIVEIRA, 2009, p. 6). Nesse sentido, lembrei Maria Tymoczko em *Enlarging Translation, Empowering Translators* (*Alargando a tradução, conferindo poder aos tradutores*, ainda não traduzido para o português), de 2007, para quem o processo de formação de tradutores não deve perder de vista o objetivo de treinar profissionais éticos, cientes e ciosos de seu poder e de sua responsabilidade social. Lembrei, outrossim, Mona Baker, a partir de Tymoczko, quando ela afirmou que “tradutores e intérpretes devem ser treinados para a sociedade e não apenas para o mercado” (BAKER citada por TYMOCZKO, 2007, p. 320-321, minha tradução),⁵ e, ainda, James S. Holmes, que em artigo seminal datado de 1972, “The name and the role of translation studies” (“O nome e o papel dos estudos tradução”), disse ser tarefa do especialista em tradução “fornecer conselhos competentes em torno da definição do lugar e do papel dos tradutores, do ato de traduzir e das traduções na sociedade como um todo” (2001, p. 182, minha tradução).⁶

³ Sugeri essa denominação em “A aquisição da competência tradutória ou diplomados x descolados – o que Donald Trump pode nos ensinar sobre tradução”, artigo publicado em 2009, no número 18 de *Tradução e Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores*, que pode ser acessado através do seguinte endereço: <<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/rtcom/article/view/1013/646>>.

⁴ Os romances produzidos compõem a Coleção Anjos de Branco, organizada por Antonio Olinto.

⁵ Texto original: “[...] translators and interpreters must be trained for society and not just for the market.”

⁶ Texto original: “[...] to render informed advice to others in defining the place and role of translators, translating, and translations in society at large.”

Ética e experiência

Na crença de que os resultados das pesquisas em torno da tradução precisam extrapolar as fronteiras do círculo encantado (LEFEVERE, 1992) que separa a academia do resto da sociedade, pretendo, neste momento, defender a ideia de que as ações nesse sentido só serão proveitosas quanto mais cedo os leitores em formação forem expostos a esses resultados. Diferentemente de Schäffner, acredito que a reversão das percepções que a sociedade possui da tradução e do tradutor não pode ocorrer quando os seus cidadãos já estão atuando como formadores de opinião, exercendo seu poder através da mídia, mas em um momento bem anterior a esse, quando eles ainda não têm noção do que um dia virão a fazer com as informações que estão recebendo na escola. Em outras palavras, quero defender a ideia de que é pela educação, iniciada nos primeiros momentos do processo de formação de leitores, que se pode alcançar o objetivo de constituir cidadãos mais conscientes do papel da tradução e do tradutor na sociedade e, conseqüentemente, mais competentes literária e culturalmente.

Apesar de o advento da Internet e das redes de comunicação social ter colocado os jovens em contato com diferentes realidades linguísticas e culturais, é necessário que não se perca de vista o paradoxo dessa realidade, que pode fazer com que esses jovens sintam-se membros de uma aldeia global pasteurizada, homogeneizante e, conseqüentemente, tornem-se desprovidos de posturas críticas. Para tanto, acredito ser importante a adoção de atitudes práticas que contribuam para a conservação da diversidade cultural (MIRANDA, 2004, p. 12) e para a formação de cidadãos a quem caberá, no futuro, a tarefa da tradução. Para que possamos, portanto, ter tradutores que se comportem eticamente no exercício de sua profissão e que, na medida do possível, não percam de vista um dos sentidos que a palavra latina *translatio* possui, qual seja, o de conduzir além, é fundamental que esses jovens recebam uma educação para a tradução. Tal reivindicação parte das crenças de que a ética, a ciência dos costumes, tal como é concebida desde Aristóteles (2003, p. 15), “provém do hábito (*ethos*: donde também o seu nome)” (p. 49), não “se gera em nós por natureza” (p. 49), é, pois, uma construção fundada na experiência.

Roberto Romano, em “As faces da ética” (2004), reverbera as percepções de Aristóteles, dizendo que “uma ética não surge de repente, brotando do nada. A ética [...] vai-se sedimentando na memória e na inteligência das pessoas, irradiando-se em atos, sem muitos esforços de reflexão. A ética é o que se tornou quase uma segunda natureza das pessoas, de modo que seus valores são assumidos automaticamente ou sem crítica” (p. 41). Segundo o referido filósofo e professor, “existem atitudes éticas

que classes sociais ou povos assumem de modo irrefletido, porque foram aprendidas desde a mais tenra infância” (p. 41-42). É, portanto, desde a infância que se faz necessário estar exposto a questões de tradução, pois, como diz Romano, “para quebrar o monobloco das péssimas certezas éticas, é preciso educação do pensamento e da sensibilidade” (p. 43), em outras palavras, “apenas a educação pública para o convívio, para o respeito aos outros; uma educação coletiva para o exercício do pensamento seria uma solução” (p. 42).

Estratégias de ação

Nas aulas de tradução literária que ministro no Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês, da Universidade Federal de Juiz de Fora, venho discutindo a importância da tradução da letra, ou seja, da adoção de uma ética da diferença, nos termos de Antoine Berman (2002 [1984] e 1995), e incentivando os alunos a compararem os resultados de traduções que se valeram da ética da igualdade e, portanto, se fizeram idiomáticas, com os de outras, do mesmo texto, que se construíram a partir da literalidade, e, finalmente, a colocarem em prática esse último procedimento de tradução.⁷

A princípio arredios em relação ao emprego desse procedimento, justamente por acreditarem – como a maior parte dos leitores não-profissionais – que a tradução, como difundida pelas mais diversas formas de atuação da mídia, deve facilitar o acesso ao original, ser fluente, ou, ainda, parecer ter sido escrita originalmente em português, esses alunos passam a entender a importância de criarem estratégias que lhes permitam expandir a língua da tradução em função das especificidades da língua e da cultura dos originais, ou, em termos filosóficos, de acolherem o Outro em sua estrangeiridade.

Começo as aulas de tradução literária justamente pelo gênero que impõe mais dificuldade aos tradutores – a poesia. Primeiramente, incito os alunos a compararem diversas traduções de um mesmo texto poético e a discutirem os efeitos dos procedimentos adotados por seus realizadores, que variam do sacrifício da forma em prol do conteúdo até a conjugação eficiente dos recursos formais e de conteúdo, passando por versões intermediárias. O objetivo é justamente fazê-los perceber que, em se tratando de poesia, ou, nos termos de Haroldo de Campos, de “prosa que a ela equivalha em problematicidade” (CAMPOS, 1992, p. 43), o apelo à tradução da letra é tarefa inescapável.

Em seguida, peço aos alunos para, eles próprios, realizarem traduções de poesia. Faço isso de forma lúdica, escolhendo textos que, apesar de possuírem certa rigidez formal, têm conteúdo pueril, ou, em algumas instâncias, apelam para o *nonsense*. Os resultados obtidos variam, pois, ao mesmo tempo em que

⁷ Muitas das monografias de conclusão desse curso têm girado em torno da defesa da tradução da letra no contexto da literatura. Para acesso a algumas dessas monografias, sugiro visita ao endereço <<http://www.ufjf.br/bacharelado/tradingles>>.

alguns alunos se mostram paralisados frente aos obstáculos que encontram, outros se descobrem *experts* na tarefa de articulação da forma e do conteúdo desses textos em língua portuguesa. Ao fim e ao cabo, mesmo os que apresentam alguma dificuldade vão aguçando a sua sensibilidade para as rimas, a métrica e o ritmo do original e criando suas próprias estratégias para transpô-los para o português.

Com o avançar da disciplina, os alunos comparam e comentam traduções de textos em prosa, chegando à conclusão de que, via de regra, os leitores brasileiros de literatura traduzida de língua inglesa deixam de ter acesso a importantes dados linguísticos e culturais dos originais e a especificidades estilísticas de seus autores em função de traduções domesticantes, pautadas na ética da igualdade, que poderiam muito bem ter dado lugar a traduções estrangeirizantes, que primam pela ética da diferença. Na monografia de conclusão de curso por mim orientada, intitulada *Em defesa da literalidade: traduções de “Cat in the Rain”, de Ernest Hemingway, para o português do Brasil (2009)*, a sua autora, Raquel Santos Lombardi, comparou quatro traduções do conto em questão, uma realizada por Ênio da Silveira e José J. Veiga e publicada pela Civilização Brasileira (1997), e as outras três de circulação restrita. O trabalho verificou que “os procedimentos de tradução literal [...], adotados em vários momentos de todas as traduções, não inviabilizaram a leitura dessas; ao contrário [...], tais procedimentos foram capazes de construir uma imagem [...] bastante fiel àquela que encontramos no texto-fonte. A literalidade possibilitou, então, que o caminho percorrido pelo autor do texto [...] original pudesse ser, de alguma forma, refeito” (LOMBARDI, 2009, p. 64).

Mais para o final do curso, quando são chamados a fazerem suas próprias traduções, esses alunos encontram-se bem instrumentalizados para colocarem em prática o conhecimento e a experiência adquiridos, optando competentemente por procedimentos de tradução que visam a dar conta das especificidades formais do original, não negando, assim, aos seus leitores o acesso a realidades linguísticas e culturais que lhe são diferentes, ampliando as estruturas de sua língua em função da língua do Outro. Solicitei à última turma para a qual lecionei tradução literária que realizasse traduções de alguns livros da série infantil *Mr. Men* e *Little Miss*, do escritor britânico Roger Hargreaves. A instrução passada aos alunos foi a de que dessem privilégio aos aspectos formais dos textos e neles deixassem marcas que revelassem a seus leitores ou ouvintes mirins brasileiros a sua origem estrangeira, e, dessa forma, contribuíssem para a iniciação de um processo de educação para a tradução. A seguir, apresento alguns dos resultados desses trabalhos, que foram avaliados por Clara Peron da Silva em sua monografia de final de curso, intitulada *A literatura infantil em tradução: especi-*

ficidades da tradução de livros da série *Mr. Men e Little Miss*, de Roger Hargreaves, para o português do Brasil (2009).

Encontra-se abaixo um exemplo em que a aluna-tradutora procurou dar conta dos aspectos formais da fala de Mr. Topsy Turvy, que dá título a um dos livros da série *Mr. Men*, ampliando as potencialidades da língua da tradução a partir da língua do original:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Now, something you didn't know about Mr. Topsy Turvy is the way he speaks. You see, he sometimes gets things the wrong way round. “ <u>Afternoon good</u> ”, said Mr. Topsy Turvy to the hotel manager. “ <u>I d room a like!</u> ” The manager scratched his head. “You mean you'd like a room?” he asked. “ <u>Please yes</u> ”, replied Mr. Topsy Turvy (meus grifos).	Mas uma coisa que você não sabia sobre o Sr. Às Avestas é o jeito como ele fala. Veja só, às vezes ele fala as coisas invertidas. “ <u>Tarde boa</u> ”, disse o Sr. Às Avestas para o gerente do hotel. “ <u>Eu quartaria de um gosto!</u> ” O gerente coçou a cabeça. “Você quer dizer que gostaria de um quarto?”, perguntou. “ <u>Favor sim, por</u> ”, respondeu o Sr. Às Avestas (meus grifos).

Por sua vez, o exemplo a seguir ilustra a preocupação de se deixar claro no livro *Little Miss Late*, da série *Little Miss*, a diferença entre o ambiente cultural de onde provém a história original e aquele da língua da tradução:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Do you know when she went on her Summer holiday last year? In December! Six months late!	Você sabe quando ela foi passar as férias de verão no ano passado? Em dezembro, quando já era inverno na Inglaterra!

Ambos os exemplos incitam os que estão lendo o texto ou apenas o escutando a perceberem as possibilidades criativas de sua própria língua e a existência de culturas diferentes, onde, entre outras coisas, as estações do ano acontecem em períodos não coincidentes com os nossos.

Últimas considerações

O tipo de postura que adotei no artigo publicado na *Tradução em Revista* e neste que agora aproxima-se de seu final inspira-se naquelas do filósofo Emmanuel Lévinas acerca do tipo

de relação que deve existir entre Mim (*moi*) e o Outro, ou seja, uma relação de responsabilidade, não alérgica, em que alteridade de Outrem não se apaga diante dos valores do Mesmo, ao contrário, essa alteridade – sua exposição e aceitação – tornam-se ensinamento e orientação do discurso (LÉVINAS, 2008 [1961]). Nesse sentido, via Lévinas, aproximo-me também de Márcio Seligmann-Silva, para quem “a recusa de receber o outro [...] é uma recusa de ler [...] seus códigos outros. Trata-se da situação violenta de interdição da tradução” (2005, p. 244).

Ao mesmo tempo, esse tipo de postura ultrapassa a sua dimensão ética e ganha proporções políticas, na medida em que também se associa à ética da responsabilidade tal como entendida por Renato Janine Ribeiro (2004) a partir de Maquiavel e Max Weber. Segundo Ribeiro, a ética da responsabilidade “é a ética da *ação* política mais do que da *instituição* política” (p. 67). Para ele, agir politicamente significa levar em conta as relações de poder, pensando na construção do futuro, o que pode ser feito também *fora* da esfera usual da política, uma vez que se pode agir politicamente na vida pessoal, por exemplo (RIBEIRO, 2004, p. 66).

Eu diria ainda que esse tipo de postura pertence a um momento que já está na hora de os intelectuais da academia a ele se vincularem, um momento ao qual Hermano Viana, na coluna que assina às sextas-feiras no “Segundo Caderno” de *O Globo*, deu o nome de pós-indignação. A propósito da expressão “politicamente correto” e das polêmicas que se estabelecem no âmbito de eventos acadêmicos, que frequentemente morrem no nascedouro, Viana sugeriu o termo, consciente de que, em suas palavras, “indignação não basta por si só, nem pode ser pensada como finalidade da ação política/moral. Ela só faz sentido se for o início da ação, que crie soluções e novas maneiras de transformar o mundo” (2011, p. 2).

Abstract

This work deals with the necessary interaction among the academy and the media, the editorial market in general, translators with no specific education in the area and non-professional readers. Its aim is to contribute to the enhancement of the awareness not only of the existence of two ethical stands as far as the translation of literary text is concerned – that of the difference and that of the equality, in the terms of Antoine Berman and Lawrence Venuti – but also of the consequences of the privilege of any of them over the other. It will establish a dialogue with the paper presented by Christina Schöffner at the 6th European Society for

Translation Studies Congress, which took place in September, 2010, in Leuven, Belgium, in which the perception of translation from the part of the Anglo-Saxon media was discussed, and with texts written by intellectuals for whom, as defended by Aristotle, the construction of ethical stands is based on experience. In order to corroborate and illustrate the points of views herein advocated, it will present teaching strategies put into practice by the author of this work in the disciplines she teaches at the Bachelor's Degree Course in Translation from English to Portuguese of the University of Juiz de Fora and the conclusions of monographs produced by its students.

Keywords: *translation; ethics; experience; academy; society*

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *A ética - textos selecionados*. Trad. Cássio M. Fonseca. 2. ed. anotada. Bauru: EDIPRO, 2003.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica - Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: _____. *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 31-48.

HARGREAVES, Roger. *Little Miss Late*. Great Britain: Ergmont Books, 1981.

_____. *Mr. Topsy-Turvy*. Great Britain: Ergmont Books, 1972.

_____. *Sr. Às Avessas*. Trad. Luy Braidia Ribeiro Braga, 2009. Mimeo.

_____. *Srta. Atrasadinha*. Trad. Aline Domingues de Paiva, 2009. Mimeo.

HOLMES, James S. The Name and the Role of Translation Studies. In: VENUTI, Lawrence (Org.). *The Translation Studies Reader*. London, New York: Routledge, 2000. p. 172-185.

LEFEVERE, André. Prewrite. In: _____. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge. 1992. p. 1-10.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Rev. Artur Morão. Lisboa: Edições 79, 2008.

LOMBARDI, Raquel Santos. *Em defesa da literalidade: traduções de “Cat in the Rain”, de Ernest Hemingway, para o português do Brasil*. 2009. 89 f. Monografia (Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

MIRANDA, Danilo Santos de. *Ética e cultura: um convite à reflexão e à prática*. In: _____. (Org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva, SESC São Paulo, 2004. p. 11-15.

OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. *Questões éticas e políticas em torno da tradução literária*. In: FROTA, Maria Paula; OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de; CARDOZO, Mauricio Mendonça. *TRADUÇÃO EM REVISTA: Tradução, ética, psicanálise*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, jul-dez. 2009. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/trad_em_revista.php?strSecao=input0pt>. Acesso em: 30 jun. 2011.

RIBEIRO, Renato Janine. *Ética, ação política e conflitos na modernidade*. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva, SESC São Paulo, 2004. p. 65-88.

ROMANO, Roberto. *As faces da ética*. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva, SESC São Paulo, 2004. p. 39-50.

SCHÄFFNER, Christina. *Translation in its social environment – visibility and awareness*. IN: *Tracks and Treks in TS – Book of abstracts*. 6th EST Congress – Leuven 2010. p. 120.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

SILVA, Clara Peron da. *A literatura infantil em tradução: especificidades da tradução de livros da série Mr. Men e Little Miss, de Roger Hargreaves, para o português do Brasil*. 2009. 65 f. Monografia (Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

TYMOCZKO, Maria. *Enlarging Translation, Empowering Translators*. Manchester, UK; Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing, 2007.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin et al.. Bauru: EDUSC, 2002.

VIANA, Hermano. *Pós-indignação*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 mai. 2011. Segundo Caderno, p. 2.